

Reconciliação de Parceiros

A República Velha, que nós, Libertadores, sempre combatemos, tinha os seus graves defeitos, que então julgávamos gravíssimos, mas era um regime de processos claros e definidos. Com a chamada República Nova, que deveria corrigir os defeitos da Velha, o que realmente se teve foi a confusão, como técnica política. E o resultado foi o Estado Novo, isto é, a ditadura pessoal como sistema de governo. Temos agora a que se poderá chamar a Novíssima República, se não houvera nascido com a decrepidez estampada na face. Tem quase todos os defeitos da República Velha e mais que todos os vícios da República Nova. Foi também concebida e gerada na confusão. Com efeito, somente a mais tremenda confusão poderia ter levado à Presidência o sr. Eurico Dutra, em vez do sr. Eduardo Gomes.

Fruto pecaminoso da confusão, esta Novíssima República vai na confusão vivendo. Não nos referimos somente ao sr. Eurico Dutra, sempre incerto, reticente, contraditório. Geral é a confusão. Decorre ela, em grande parte, do feitio e da tática do Presidente, este é quem a determina, ou, pelo menos a possibilita; mas grandes fatores, além d'ele, tem tido a política da confusão.

O primeiro lugar cabe inegavelmente ao general Pedro Aurélio de Góis Monteiro. Ele tem sido o grande confusionista, de 1930 até hoje. Vive a fazer confusão e até a medicina tem confundido e enganado algumas vezes. Mas a sua obra prima parece ser a que ora está realizando. Obra prima de confusão e, mais ainda, de desfarçatez. Prócer do Partido Social Democrático, membro da sua direção suprema, foi um dos responsáveis pela candidatura Cristiano Machado. Obrigado estava ele a defendê-la e a tudo envidar por sua vitória. Que vimos, porém? Chega ao Rio o candidato populista, que se deveria supôr o mais antagônico candidato do sr. Cristiano Machado, e a pretexto de restabelecer velhas relações pessoais cortadas, visita-o o sr. Góis Monteiro e tem com ele longas conferências. Já este fato, por si só, importava um considerável fortalecimento da candidatura do ditador deposto e, por conseguinte, um abalo da candidatura pessedista. Quando por mais não fosse, ao menos por isto, deveria o sr. Góis Monteiro ter adiado para outra oportunidade a reconciliação com o seu antigo amo.

Mas o mais estranho estava ainda por conhecer-se e ninguém acreditou quando surgiram as primeiras notícias. O sr. Góis Monteiro não somente se reconciliava com o sr. Getúlio Vargas, não somente o prestigiava com a sua frequência, mas estabelecia também com ele verdadeira aliança, senão identidade política, aceitando a vice-presidência na sua chapa!

Não está ainda oficialmente confirmado o fato, mas ninguém nega o oferecimento, nem se dissimula a predisposição para o aceitar. O sr. Góis Monteiro não repeliu o convite e, pelo contrário, o recebeu desvanecido e, pode-se adiantar, vendido. Vai assim ajudar a repôr o ditador no poder o homem que se vangloriava, não faz muito, de o haver deposto.

Até aqui, nada de moralmente muito estranho, pois ambos os homens têm a mesma constante anti-democrática. Victória à revolução de 1930, que tantas esperanças despertava nos espíritos liberais, propósito de ambos era, em vez da prática dos princípios pregados, uma ditadura de pelo menos dez anos. Não a conseguiram tão duradoura de uma só vez, mas, somadas as duas fases, foram além do prazo estipulado. Natural era, portanto, que os dois parceiros do jôgo anti-democrático voltassem a encontrar-se. As afinidades substanciais não poderiam deixar de prevalecer às divergências ocasionais.

Mas, se nada de muito estranho há em que os dois homens do Estado Novo tenham volvido a aliar-se, como justificar que o responsável pela candidatura do sr. Cristiano Machado vá integrar, prestigiando-a grandemente, a chapa de um candidato adverso? Estará ainda com o candidato pessedista o homem que vai receber votos juntamente com o candidato populista? E que dirá a tudo isto o sr. Eurico Dutra, que com tanto empenho tem patrocinado a candidatura mineira?

Para que estamos a fazer perguntas, que de direito caberiam ao sr. Cristiano Machado, pois, em todo este episódio, parece ele antes traído, do que abandonado? Simplesmente para acentuar, mais uma vez, que somente uma candidatura honesta e democrática existe: a do Brigadeiro Eduardo Gomes. Com ela nos salvaremos da confusão e da ditadura; sem ela sossobramos.